EL MOVIMIENTO NEGRO EDUCADOR: LA CONSTRUCCIÓN DE UN CONCEPTO

Nilma Lino Gomes[1]
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, MG, Brasil.
Glenda Cristina Valim de Melo[2]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Branca Falabella Fabrício[3]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Letras Anglo-Germânicas, Rio de Janeiro, Brasil.

[1] Profesora titular de la FAE/UFMG y emérita de esa universidad. Magíster en Educación (FAE/UFMG), Doctora en Antropología Social (USP), posdoctora en Sociología (Universidade de Coimbra) y en Educación (UFSCAR). Profesora del Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social (FAE/UFMG) y colaboradora del Programa de Pós-graduação em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (UFMA). Becaria de productividad científica del CNPQ. Coordinadora del Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-raciais e Ações Afirmativas (NERA/CNPQ). Coordinadora general del INCT "Educação transformadora: antirracismo, interseccionalidade e justiça social na América Latina" (INCT Antirracismo/CNPq). Vicecoordinadora del proyecto O Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina (CNPq). Profesora visitante del Programa de Pós-graduação em Educação da UFOP (2026). Fue rectora provisional de la Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB, 2013-2014). Ministra de la Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR, 2015-2016) y del Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (MMIRDH, 2015-2016). E-mail: nilmalinogomes@gmail.com e ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0767-2008.

[2] Profesora Permanente del Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, en la Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) y del Departamento de Letras anglo-germânicas en la misma institución. Es becaria de productividad del CNPq. Coordina el grupo de investigación Performatividades, Raça e Interseccionalidades (PRINT/CNPq). Es vicecoordinadora del INCT/CNPq "Educação transformadora: antirracismo, interseccionalidade e justiça social na América Latina" y coordinadora general del proyecto O Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina (CNPq). Email: glendamelo@letras.ufrj.br e ORCID. https://orcid.org/0000-0002-1878-5710.

[3] Profesora titular de la Universidade Federal do Rio de Janeiro, donde se desempeña en el Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA/UFRJ). Integrante del equipo de investigadoras e investigadores del INCT "Educação transformadora: antirracismo, interseccionalidade e justiça social na América Latina" (INCT Antirracismo/CNPq) y del proyecto O Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina (CNPq). Fue profesora visitante en la King's College, London. Su investigación más reciente se centra en las trayectorias textuales, circulación de discursos y performances identitarias en contextos online-offline. Sus publicaciones incluyen la colección A cidade fala: memórias, linguagens e resistências (2025). E-mail: brancaff@letras.ufrj.br e ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0006-9924.

Resumo: Nesta entrevista as professoras Glenda Valim Mello e Branca Falabella Fabrício conversam com Nilma Lino Gomes sobre o conceito *Movimento Negro Educador*, que investiga discursos, práticas e saberes afrodiaspóricos na América Latina. Nilma explica que o conceito nasce de sua trajetória pessoal e política como mulher negra, marcada por vivências de racismo e pelo contato transformador com o movimento negro. Essa experiência lhe permitiu reler a sociedade brasileira à luz das desigualdades raciais, compreendendo a raça como categoria política e social estruturante. Ao longo de sua formação e atuação docente, Nilma percebeu que os saberes críticos sobre racismo, identidade e história negra não foram aprendidos nas instituições formais, mas nos espaços de militância, nos coletivos e nas organizações negras. A partir dessa vivência, ela formula o conceito de *Movimento Negro Educador*, compreendido como um conjunto de práticas, saberes e ações políticas produzidas historicamente pela população negra. O encontro discute como saberes políticos, identitários, estético-corpóreos, e interseccionais são organizados, sistematizados e transformados em reivindicações e intervenções que reeducam tanto o próprio movimento quanto a sociedade. Tal transformação exige resistência, luta coletiva, consciência política e a construção de uma linguagem guiada pelo amor como ato político.

Palavras-Chave: Movimento Negro Educador; Saberes Afro-diaspóricos; Transformação; Emancipação; Reeducação.

THE BLACK EDUCATOR MOVEMENT: THE CONSTRUCTION OF A CONCEPT

Abstract: In this interview, professors Glenda Valim Mello and Branca Falabella Fabrício talk to Nilma Lino Gomes about the concept of the Black Educator Movement, which investigates Afro-diasporic discourses, practices and knowledge in Latin America. Nilma explains that the concept stems from her personal and political trajectory as a black woman, marked by experiences of racism and transformative contact with the black movement. This experience allowed her to re-examine Brazilian society in light of racial inequalities, understanding race as a structuring political and social category. Throughout her training and teaching career, Nilma realised that critical knowledge about racism, identity and black history was not learned in formal institutions, but in spaces of activism, collectives and black organisations. Based on this experience, she formulated the concept of the Black Educator Movement, understood as a set of practices, knowledge, and political actions historically produced by the black population. The meeting discusses how political, identity, aesthetic-corporeal, and intersectional knowledge is organised, systematised, and transformed into demands and interventions that re-educate both the

movement itself and society. Such transformation requires resistance, collective struggle, political awareness, and the construction of a language guided by love as a political act.

Keywords: Black Educator Movement; Afro-diasporic Knowledge; Transformation; Emancipation; Re-Education.

EL MOVIMIENTO NEGRO EDUCADOR: LA CONSTRUCCIÓN DE UN CONCEPTO

Resumen: En esta entrevista, las profesoras Glenda Valim Mello y Branca Falabella Fabrício conversan con Nilma Lino Gomes sobre el concepto Movimiento Negro Educador, que investiga los discursos, las prácticas y los conocimientos afrodiaspóricos en América Latina. Nilma explica que el concepto nace de su trayectoria personal y política como mujer negra, marcada por experiencias de racismo y por el contacto transformador con el movimiento negro. Esta experiencia le permitió releer la sociedad brasileña a la luz de las desigualdades raciales, entendiendo la raza como una categoría política y social estructurante. A lo largo de su formación y actuación docente, Nilma se dio cuenta de que los conocimientos críticos sobre el racismo, la identidad y la historia negra no se aprendían en las instituciones formales, sino en los espacios de militancia, en los colectivos y en las organizaciones negras. A partir de esta experiencia, formula el concepto de Movimiento Negro Educador, entendido como un conjunto de prácticas, conocimientos y acciones políticas producidas históricamente por la población negra. El encuentro discute cómo los conocimientos políticos, identitarios, estético-corpóreos e interseccionales se organizan, sistematizan y transforman en reivindicaciones e intervenciones que reeducan tanto al propio movimiento como a la sociedad. Tal transformación exige resistencia, lucha colectiva, conciencia política y la construcción de un lenguaje guiado por el amor como acto político.

Palabras-clave: Movimiento Negro Educador; Conocimientos Afrodiaspóricos; Transformación; Emancipación; Reeducación.

LE MOUVEMENT NOIR ÉDUCATEUR: LA CONSTRUCTION D'UN CONCEPT

Résumé: Dans cette entretien, les professeures Glenda Valim Mello et Branca Falabella Fabrício s'entretiennent avec Nilma Lino Gomes au sujet du concept Mouvement Noir Éducateur, qui étudie les discours, les pratiques et les savoirs afro-diasporiques en Amérique latine. Nilma explique que ce concept est né de son parcours personnel et politique en tant que femme noire, marqué par des expériences de racisme et par un contact transformateur avec le mouvement noir. Cette expérience lui a permis de relire la société brésilienne à la lumière

des inégalités raciales, en comprenant la race comme une catégorie politique et sociale structurante. Au cours de sa formation et de son activité d'enseignante, Nilma a réalisé que les connaissances critiques sur le racisme, l'identité et l'histoire noire n'étaient pas acquises dans les institutions formelles, mais dans les espaces de militantisme, les collectifs et les organisations noires. À partir de cette expérience, elle formule le concept de Mouvement noir éducateur, compris comme un ensemble de pratiques, de connaissances et d'actions politiques produites historiquement par la population noire. La rencontre aborde la manière dont les connaissances politiques, identitaires, esthétiques-corporelles et intersectionnelles sont organisées, systématisées et transformées en revendications et interventions qui rééduquent tant le mouvement lui-même que la société. Une telle transformation exige de la résistance, une lutte collective, une conscience politique et la construction d'un langage guidé par l'amour en tant qu'acte politique.

Mots-clés: Mouvement Noir Éducateur; Savoirs Afro-Diasporiques; Transformation; Émancipation; Rééducation.

INTRODUCCIÓN

La primera entrevista de este dossier, en el contexto del proyecto de investigación O Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina/CNPq, tiene como foco un diálogo llevado a cabo por las investigadoras Glenda Valim de Melo (UFRJ) y Branca Falabella Fabrício (UFRJ) con la investigadora y autora del concepto Movimiento Negro Educador, Nilma Lino Gomes (UFMG).

La entrevista se desarrolló como una conversación atravesada por aspectos teóricos, sociales, políticos y personales de la trayectoria de Nilma Lino Gomes que la ayudaron a formular el concepto presentado en su libro O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação (VOZES, 2017).

El libro reconoce la potencia de este movimiento social en los procesos políticos y educativos de la sociedad brasileña, en la construcción de políticas,

proyectos y prácticas antirracistas a lo largo del siglo XX y en el siglo XXI. El concepto de Movimiento Negro Educador, desarrollado en Brasil, ha evidenciado un notable potencial emancipatorio, que puede ser proyectado hacia otros países latinoamericanos que forman parte de la investigación. Las semejanzas entre la historia de colonización y esclavitud de africanos y africanas en el pasado, así como la lucha contra el racismo y por la inserción ciudadana negra en la democracia en el presente, con sus límites y conquistas, constituyen puntos en común en la trayectoria de la población afrolatinoamericana y caribeña organizada. Cada país, a partir de la presencia negra allí constituida, con mayor o menor grado de densidad demográfica y capacidad de acción política, tiene como punto en común la lucha contra el racismo impulsada por organizaciones negras, con historias, niveles de actuación y funcionamientos propios. En todas esas luchas, el movimiento negro o afrolatinoamericano y caribeño posee el mismo potencial educativo, reeducativo y político señalado por la autora.

Creemos que varias cuestiones abordadas por otras investigadoras e investigadores latinoamericanos que tuvieron contacto con la obra de Nilma Lino Gomes, pero no han tenido aún la oportunidad de escucharla, pueden ser respondidas en este diálogo abierto, franco y afectuoso generado en esta entrevista, realizada como un trabajo en conjunto de tres mujeres e investigadoras negras y blancas, de generaciones e instituciones diferentes y con trayectorias de vida marcadas por la vivencia en Brasil y su compleja conformación social, política, económica, cultural, racial y de género.

ENTREVISTA

GLENDA CRISTINA VALIM DE MELO (GCVM): Hola, buen día, buenas tardes, buenas noches. Soy Glenda Mello, profesora de la Universidade Federal do Rio de Janeiro y estoy aquí con la profesora Nilma Lino Gomes (UFMG) y con la profesora Branca Fabrício (UFRJ) para que conversemos un poquito sobre un proyecto de cooperación internacional llamado O Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina, fomentado por el CNPq. Quiero darles la bienvenida a todos y todas, y le paso la palabra a la profesora Nilma. Hola, Nilma, bienvenida.

NILMA LINO GOMES (NLG): Gracias. ¿Todo bien, Glenda? ¿Todo bien, Branca? Es un placer estar aquí con ustedes y poder participar de esta conversación en el marco de un proyecto internacional que es tan importante para todas y todos nosotros.

BRANCA FALABELLA FABRÍCIO (BFF): Hola, es un placer realmente estar aquí con dos colegas muy importantes para discutir el Movimiento Negro Educador. Yo soy de la UFRJ, Nilma es de la UFMG y Glenda también es de la UFRJ. Bueno, para comenzar nuestra conversación, es importante decir que esta es la primera de una serie de entrevistas que estamos realizando en el marco de este proyecto de internacionalización. Somos un grupo compuesto por diecisiete investigadoras e investigadores de América Latina y esta iniciativa es parte de la propuesta de poner en circulación conocimiento sobre el Movimiento Negro Educador. Entonces, empezando nuestra conversación, quiero preguntarle a Nilma cómo nace este concepto.

NLG: Bueno, me voy a presentar un poquito: soy profesora de la Facultad de Educación de la UFMG, jubilada, voluntaria, y soy titular y emérita de esa universidad. Eso tiene que ver con una pequeña parte de mi biografía,

tiene que ver con el concepto Movimiento Negro Educador y cómo surge en mi trayectoria. Creo que, en primer lugar, este concepto surge de mis propias experiencias de vida y políticas. Porque, aún siendo una mujer negra y habiendo nacido en un espacio familiar en el que las personas se sabían negras, tengo la referencia de una familia que, aún sabiéndose negra, estaba rodeada por la blanquitud, por el mito del blanqueamiento, mejor dicho. Mis padres se sabían negros y nos criaron así. Yo no dimensionaba la politización de ese lugar racial, pero de todas maneras existía. Entonces, cuando fui entrando a la adolescencia, luego a la juventud y a la adultez, y después cuando me volví una mujer formada y vivida, tuve una mejor comprensión de esa situación. En mi trayectoria de saberme negra, fui entendiendo las dimensiones más serias del racismo y de cómo eso afectaba mi vida como negra y como mujer, y de cómo afectaba mi vida profesional después de adulta. Como adulta, trabajando como profesora, desde la educación inicial hasta en la EPJA, en escuelas públicas y muy poco en iniciativas privadas, fui percibiendo la existencia del racismo y lo que este significaba, a partir del contacto con el Movimiento Negro. En ese proceso, fui logrando hacer una relectura de la sociedad brasileña a la luz de las desigualdades raciales, a la luz de las discriminaciones raciales, no solo a la luz de las desigualdades de clase, que era lo más fuerte en la década de los ochenta cuando entré al curso de Pedagogía en la UFMG. En aquel período, estábamos en todo el proceso de caída de la dictadura militar, de reapertura política, y enseguida después tuvimos la Asamblea Nacional Constituyente (1987) y la Constitución Federal (1988). En aquel momento todo lo que estaba reprimido, digámoslo así, en términos de un pensamiento de izquierdas, estalló en el país, en Brasil, y principalmente en el campo de las ciencias. Soy parte de una generación que fue muy educada por los movimientos sociales en lo que respecta a las cuestiones de desigualdad social, de desigualdad económica, de la cuestión de los perjuicios del capitalismo, de la lucha de la clase trabajadora

etc. Pero solo cuando tuve contacto con el movimiento negro entendí lo que significa raza, y cómo, al considerar la raza para pensar a Brasil y a nuestra historia, otro panorama y otro Brasil se abrían ante nuestros ojos. Fui entendiendo, también, que la raza como categoría política, como categoría social, que es de la forma en la que vengo trabajando yo y tantos otros, no tiene nada que ver con el apelo biológico o genético. Pude entender cómo, sociológicamente, la cuestión racial y la raza estructuran, son estructurales y estructurantes en nuestro país, inclusive en la cuestión económica; cómo el capitalismo, enmarañado con el racismo, fueron la base de la expropiación del trabajo en este país a través de la esclavitud y cómo eso estructuró nuestra economía y formó una sociedad mucho más compleja. Todo eso incide de forma diferente en las personas blancas y en las personas negras en nuestro país. Eso lo entendí cuando tomé contacto con el movimiento negro. Eso no lo vi en la escuela, no lo vi en la escuela básica, no lo vi cuando me formé como profesora, no lo vi en la carrera de Pedagogía, ni tampoco en la maestría. Durante la maestría comienzo a trabajar con investigación en relaciones raciales y educación y, en ese momento, pasé a tener contacto con integrantes del movimiento negro en Belo Horizonte. En la UFMG, algunas compañeras y yo articulamos con un grupo de jóvenes negras y construimos el Grupo Interdisciplinar de Estudos Afro-brasileiros (GIEAB) en los inicios de la década de los 90, y llevamos la discusión racial a la universidad y más allá de ella. Entonces todo eso fue forjando, digamos, lo que después se desdobló en el concepto Movimiento Negro Educador. Yo misma soy una persona que fue reeducada por el movimiento negro.

BFF: ¿Cómo defines tú ese concepto para quien no lo conoce?

NLG: Antes de responder, me gustaría complementar mi pensamiento sobre cómo fui educada y reeducada por este movimiento social. El movimiento negro me reeducó también en el conocimiento sobre el continente

africano y me ayudó a conocer otra historia sobre el continente africano, sobre la humanidad de ese continente, sobre lo que significaron los procesos de colonización -temas que jamás estudié en la educación básica, ni en el magisterio, ni en Pedagogía o en la maestría-. De a poco, fui entendiendo que el movimiento negro no es solo un agente político, un actor social, un reconstructor de identidades fragmentadas. No es un movimiento que produce meramente demandas, impacta y luego lleva esas demandas al Estado, a la sociedad, a la educación. Es más que todo eso porque hace todo eso y, además, reeduca a las personas en relación a lo que es el racismo, a la importancia de la raza, a la importancia de la lucha antirracista. Ayuda a deconstruir una serie de estereotipos que tenemos sobre el propio continente africano y sobre las vidas de las personas negras en Brasil. Nos enseña que las relaciones sociales brasileñas no pueden ser discutidas y pensadas de forma crítica sin considerar también la dimensión racial. Y, ¿qué más a lo largo de ese proceso me ayudó a pensar este movimiento como Movimiento Negro Educador? Ese concepto habla de lo que fui observando y viviendo. El movimiento realiza todo ese proceso educativo y reeducativo porque aprende y bebe de la fuente de los procesos educativos, de los saberes construidos por el pueblo negro a lo largo de la historia de nuestro país. Entonces, a lo largo de la historia de este país, negros y negras se fueron organizando, produciendo saberes construidos en las luchas contra el racismo, desde las más cotidianas hasta las más organizadas políticamente. Cuando negros y negras se organizan en un movimiento social, se producen saberes en un contexto histórico de lucha de la población negra que son fundamentales para entender mejor a Brasil, para que las personas negras se entiendan a sí mismas, y para que las personas blancas antirracistas se posicionen, entendiendo que la lucha antirracista también es de ellas. Entonces, ¿cuáles son esos saberes? Yo los llamo saberes políticos, identitarios y estético-corpóreos. Recientemente incluí

los saberes de la indignación y los saberes interseccionales. En los saberes interseccionales están incluidos el afecto que emancipa y la relación sororidad/ubuntu. El Movimiento Negro educador bebe de esa fuente, aprende, disemina, se educa por medio de esos saberes. ¿Y qué hace? Organiza esos saberes y los transforma en reivindicaciones, en banderas de lucha. De esa forma, el movimiento pasa a presionar al Estado, a la sociedad y a los poderes jerárquicos que existen en nuestra sociedad. Organiza esos saberes y los transforma en demandas políticas. Al hacer eso, se educa y reeduca a sí mismo y educa y reeduca a la propia sociedad en la que está inserto.

Por eso, al trabajar con el concepto del Movimiento Negro Educador, no alcanza con decir simplemente que educa y reeduca. Es necesario comprender que el movimiento es un organizador, un sistematizador y un articulador de esos saberes emancipatorios producidos por la población negra a lo largo de su historia. En ese proceso, realiza una intervención política intencional, dirigida a la emancipación de la sociedad y a la lucha contra el racismo. Se trata de una intervención social, cultural, política, educativa y artística a partir de la cual el movimiento va organizando y reorganizando esos saberes y construyendo otros.

El concepto de Movimiento Negro Educador es más complejo de lo que muchas veces se dice, porque la palabra “educador” en este concepto es muy fuerte. Esta palabra tiene que entenderse en relación a la construcción de saberes emancipatorios. No son saberes cualquiera. Son saberes que emancipan, que retiran a las personas negras del lugar de subalternización en el que el racismo y las desigualdades de toda orden las colocan. Desigualdades que se imponen sobre negros y negras en camadas de subyugación, humillación y deshumanización. Por ejemplo, si son mujeres negras, si son jóvenes negros, si son personas negras trans, si son mujeres negras adultas mayores, si son infancias negras… Las desigualdades acumuladas que inciden

sobre las personas negras son tantas que pueden ser, inclusive, subdivididas. Allí está la perversidad del racismo.

Esta reflexión no implica, como algunos critican, una fragmentación en el análisis social, político, cultural y económico de la sociedad. Muy por el contrario, pienso que pone en escena la capacidad de refinamiento de la perversidad del racismo y muestra cómo este fenómeno cruel puede afectar a unos más que a otros dentro de la propia población negra.

BFF: Nilma, pienso que voy a hacerte una pregunta que está relacionada con eso. Es una pregunta inspirada en otra entrevista en la que Karina Godoy señaló que uno de los mayores desafios, para ella que es educadora y del movimiento negro, es lidiar con un movimiento blanco educador que va justamente en la dirección opuesta de todo lo que estás diciendo, porque respalda saberes estereotipados y saberes que tienen amplia circulación, que gozan de “grandes privilegios”, entre comillas. ¿Cómo ves eso frente a la complejidad de todo lo que acabas de explicar? ¿Cuáles son los desafíos implicados?

NLG: Primero, cuando hablo sobre el Movimiento Negro Educador, estoy partiendo de una discusión de la teoría de los movimientos sociales. Entiendo al Movimiento Negro como un grupo organizado en una sociedad desigual que posee una serie de antagonismos. Y el Movimiento Negro lucha y actúa en esa sociedad para denunciar desigualdades e intervenir políticamente en la superación de esas desigualdades y del racismo. Estoy partiendo de ese presupuesto que algunos autores y autoras ya han señalado. Por ejemplo, Ilse Scherer-Warren, Maria da Glória Gohn y Miguel Arroyo han escrito sobre las dimensiones educativas y pedagógicas de los movimientos sociales. Si quisiéramos ir más lejos, Paulo Freire, de alguna forma, hablaba sobre eso cuando trabajó con la idea de pedagogía del oprimido, aunque él no estaba trabajando directamente con la categoría de movimiento social, pero nos

podemos inspirar, ¿se entiende? Comprendo al Movimiento Negro Educador dentro de esa agencia de transformación. No creo que lo que fue llamado de movimiento blanco educador tenga esa intencionalidad transformadora porque para mí no existe ese tipo de movimiento social. No es posible que exista un movimiento blanco educador porque cualquier forma de organización de ese tipo, si llegara a existir, no sería ni educativa ni transformadora, sino opresora. El grupo blanco está en el tope de las jerarquías de poder, de opresión, de dominio del capital, tanto en la sociedad brasileña como en América Latina. Y eso viene de procesos coloniales e históricos. Alcanza con pensar lo que significó la invasión colonial de las Américas. Quienes realizaron la invasión colonial no fueron las poblaciones indígenas ni los pueblos africanos, fueron los europeos, los europeos blancos, en las más diversas formas de búsqueda de consolidarse como Europa y Europa Occidental, en el pasado.

Para acumular poder, riqueza y expandir la dominación colonial, las tierras fueron saqueadas: oro, minerales finos, “pau brasil”; fueron realizadas diferentes monoculturas, los territorios fueron divididos, mujeres indígenas y africanas fueron violentadas y pueblos fueron esclavizados. Conocimientos indígenas y africanos fueron apropiados y vidas fueron arrebatadas. Muchos fueron asesinados para el apogeo de un grupo racial, para la construcción de jerarquía de ese mismo grupo: los blancos. Ese pasado está enraizado en la configuración histórica, social y cultural latinoamericana y caribeña, y está en la estructura de nuestras sociedades. Así como también está, en esa misma estructura, la resistencia indígena y negra, la lucha de los africanos y africanas esclavizados contra la esclavitud. Y somos nosotros, negras y negros brasileños y de otros países latinoamericanos y caribeños, sus descendientes que llevamos adelante las luchas contra las relaciones desiguales de poder, contra la dominación capitalista y racista y las opresiones.

Cuando pensamos en esas relaciones de poder y las luchas contra su perversa existencia, pensamos en dos grandes grupos raciales que existen en Brasil desde el punto de vista cuantitativo y de su existencia en las jerarquías de poder: negros y blancos. Eso no quiere decir que todas las personas blancas sean opresoras, obviamente. Estamos reflexionando sociológica y pedagógicamente sobre una situación más amplia e histórica que conforma las relaciones de poder y los lugares históricamente ocupados por negros y blancos en nuestra sociedad. O sea, las desigualdades entre negros y blancos, en el contexto actual, en educación, en el mercado de trabajo, en los medios, en la política, en la esfera jurídica, entre otros ámbitos, fueron producidas en función de la dominación, la esclavitud, el racismo y la opresión racial y de género. Y esas desigualdades tienen como base la dominación de un grupo étnico-racial sobre otro, desde los tiempos coloniales, y no se trata solamente de la dominación de clase.

Entonces, considerando esa historia, no sería posible concebir la existencia de un movimiento blanco educador. No veo ni siquiera la existencia de un movimiento social blanco de carácter emancipatorio. Veo personas blancas que participan en movimientos sociales. Es necesario tener cuidado con eso. Por ejemplo, el Klu Klux Klan es una organización de blancos supremacistas norteamericanos. Y hay otros parecidos enraizados en varios lugares del mundo. Pero, en mi opinión, esos grupos no son movimientos sociales ni tampoco educadores. Por eso es necesario tener cuidado y no usar el concepto Movimiento Negro Educador, oriundo de la radicalidad de las luchas negras, para referirse a otros grupos étnico-raciales con otra historia de conformación y, en particular, no llevarlo para el campo de la blanquitud, aunque pensemos en una blanquitud crítica, como dice la psicóloga social María Aparecida Bento.

Si hubiera un movimiento blanco, para mí, sería deseducador. El concepto de Movimiento Negro Educador se sitúa en contraposición a la deseducación producida por las relaciones raciales desiguales. El Movimiento Negro Educador interpela a las personas blancas que están en el poder y que no repiensan ese lugar y no se comprometen con democratizar la sociedad para incluir a todos los grupos étnico-raciales que en ella viven. Es cierto que en los últimos años ha habido un aumento en el número de personas blancas que comienzan a repensar su blanquitud y sus privilegios. Está cayendo una ficha en esas personas con respecto a la participación de sus ancestrales y su propia participación en el mantenimiento de la dominación, de la opresión y del racismo. Hay personas blancas que se están repensando. Eso puede verse en nuestro propio proyecto de investigación O Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina. Su presencia, la presencia de los profesores Rodrigo Rosistolato (UFRJ), Claudiana Alencar (UECE), Marília Pinheiro (IFSP) y la de tantos otros colegas autodeclarados blancos, nos ha mostrado que cuando hacemos un análisis crítico de los procesos de opresión, podemos trabajar juntas y juntos; negros y blancos antirracistas. Es ahí justamente donde somos reeducados por el Movimiento Negro Educador. Este nos enseña que en las luchas contra el racismo y las opresiones no podemos perder a nadie. Tenemos que sumar, porque eso nos fortalece y, quién sabe, eso vaya produciendo otras subjetividades en el futuro, en las generaciones que vendrán. Subjetividades que vienen, desde muy temprano, entendiendo críticamente a la sociedad y su propio lugar en ella, a diferencia del modo en que nuestra generación fue formada. Por eso son tan importantes la Ley 10.639/03, la Ley 11.645/08, la Ley de Cuotas, el Estatuto de la Igualdad Racial, las políticas de acción afirmativa, las Directrices para la Educación Escolar *Quilombola*, entre otras. Somos parte de un momento histórico y político de formación de nuevas mentalidades sobre lo diverso, las

relaciones raciales y el combate al racismo. Hago la apuesta de que es posible construir una sociedad más ecuánime, aún frente a los ataques contra la democracia que hemos vivido en los últimos años en Brasil y en otros países de América Latina y el Caribe.

BFF: Entonces creo que voy a reformular la pregunta y lo voy a llamar movimiento blanco deseducador.

NLG: Yo no lo llamaría ni siquiera "movimiento", ¿entiendes? Porque como trabajo dentro de la teoría de los movimientos sociales, desde una dimensión crítica, para que sea un movimiento social es necesario que adopte una postura crítica contra las relaciones de poder, contra los Estados autoritarios etc., etc. Cuando lo llamo movimiento blanco, sea educador o deseducador, desde mi concepción, estoy llevando un debate teórico, crítico y político, para un contexto en el que no cabe. Por eso, no cabe tampoco formular un concepto a la inversa de lo que he discutido y debatido. Diría que vivimos inmersas en históricas jerarquías, opresiones y violencias, desde los tiempos coloniales, en las que el poder blanco deseduca. Estamos hablando sobre el poder blanco secular, lo que inviabiliza la posibilidad de existencia de un movimiento blanco educador o deseducador, desde mi concepción.

BFF: Entendí, perfecto. Gracias.

GCVM: Nilma, escuchándote, me quedé pensando: ¿cómo ves el Movimiento Negro Educador en los contextos contemporáneos y cómo este dialoga con la sociedad hoy? Porque tú nos traes toda una historia sobre cómo el movimiento ha ido dialogando con la sociedad en el pasado, haces una reflexión interesante sobre el poder y el poder blanco. Pero, ¿cómo ves la importancia del Movimiento Negro Educador en el momento contemporáneo?

NLG: Bien, después quiero hablar un poquito sobre cómo llegué al concepto, porque ¡no terminé de explicarlo! (Risas)

GCVM: Ah, entonces vamos a escucharte sobre cómo llegaste al concepto.

NLG: Vamos a la respuesta a tu pregunta primero y después vuelvo al concepto.

GCVM: Está bien.

NLG: Entonces, ¿cómo veo yo el movimiento? En mi libro, O Movimento Negro Educador (Vozes, 2017), primeramente, conceptualizo lo que entiendo por movimiento negro. Llamo la atención a que estoy dialogando con el movimiento negro del siglo XXI. O sea, estamos frente a una amplia gama de expresiones, de grupos, de formas de reivindicar etc. que tenemos hoy en la sociedad brasileña, y que yo entiendo como formas organizadas de reivindicación y de lucha contra las históricas relaciones de poder. Esa profusión de organizaciones y grupos es responsable de formular demandas al Estado y a la sociedad y hace que, hoy, tengamos políticas de igualdad racial. Eso era impensable en el Brasil de la década de los cincuenta, sesenta, en la dictadura aún más. Pero pensar al Brasil de hoy con política de igualdad racial es entender que existe un sujeto político tensionando hace mucho tiempo para que eso suceda. Entonces siempre llamo la atención hacia el siguiente hecho: las políticas de igualdad racial que tenemos hoy no vienen del Estado como fruto de su obra y gracia. Vienen de una acción política del movimiento negro que presiona a todas esas instituciones y que en un determinado contexto histórico y político se articula con un gobierno de izquierda, con una propuesta de gobierno de izquierda, en la cual muchos activistas del movimiento negro se involucran, en un contexto de construcción de la política de las izquierdas. Se alcanzó un acuerdo según el cual ese gobierno de izquierda, una vez llegado al poder, prestaría atención a todos los grupos y movimientos sociales que lo habían apoyado. Eso fue lo que sucedió en las elecciones de 2002. Cuando vemos que existe una Secretaría de Políticas de Igualdad Racial (SEPPIR), que

hoy fue transformada en Ministerio de Igualdad Racial (MIR), políticas de reserva de cupos en las Instituciones Públicas Federales de Educación etc., todo eso es producto de un gobierno electo de izquierda que pasó a coordinar el Estado brasileño. Está bien, pero antes de eso, es producto de toda una presión histórica y toda una negociación llevada a cabo en aquel momento político que posibilitó lo que vino después, y una negociación con mucha presión y con mucha tensión, no fue simple. Entonces, en este momento actual, entiendo que el movimiento negro congrega a todas las formas de organización, de tensionamiento, de articulación de grupos, de personas, que levantan la demanda de superación del racismo en la sociedad brasileña como un todo. Entiendo que los grupos culturales, los grupos sociales, los grupos religiosos, artísticos, políticos, etc., que tienen como eje central la lucha contra el racismo, la denuncia de las situaciones de racismo y el combate a la desigualdad racial son movimiento negro. Si no tiene ese eje central, que es el combate al racismo, no lo entiendo como movimiento negro del siglo XXI. Es esa organización compleja a la que entiendo como movimiento negro contemporáneo, o sea, una profusión de formas organizativas negras, del norte al sur del país: Norte, Noreste, Sur, Sureste, Centro-Oeste, -para no ser colonial y considerar solo la relación Norte y Sur-. Entonces, en el momento contemporáneo, veo que tiene varias formas de actuación. Una es la acción de una juventud negra que se viene organizando, ¿no? Esa juventud negra se viene organizando bastante por medio de las redes sociales, también a través de colectivos de estudiantes negros. Veo esto tanto en la educación básica como en la educación superior, más aún en la educación superior, a raíz de las políticas de acción afirmativa y del mayor ingreso de esos sujetos a la educación superior brasileña. Entiendo que, en este momento actual, tenemos organizaciones increíbles de mujeres negras, más allá de las más clásicas, tenemos organizaciones de mujeres negras jóvenes hoy. Por ejemplo,

actualmente tenemos un movimiento de trenzadoras negras, algo que no sucedía antes, y que es un movimiento de lucha por una afirmación estética y, al mismo tiempo, por una profesión. Actualmente, la trenzadora es considerada una categoría en el campo de las profesiones, eso fue lucha política. Tenemos las *comunidades-terreiro*, por ejemplo, que hace un tiempo atrás no se organizaban políticamente como hoy se están organizando, inclusive fundando organizaciones que las representan en función del racismo religioso que aumenta cada vez más. Hoy tenemos la organización de los intelectuales negros y negras, tenemos la organización *quilombola*, que tuvo un lugar destacado en nuestro país, inclusive con políticas específicas para la cuestión *quilombola*, con un gran foco en la educación. Entonces actualmente veo una profusión de expresiones políticas negras. Cada una actúa en el contexto contemporáneo, en la especificidad de su lucha como integrante de esa gran organización política, social, educacional y cultural: el movimiento negro del siglo XXI. Y yo las entiendo como Movimiento Negro Educador debido a todos esos procesos de los que hablé al inicio de la entrevista. Y lo que es muy interesante en esa profusión es que todas esas organizaciones actúan en favor de un objetivo común: el combate al racismo. No existe ninguna organización del movimiento negro, del siglo pasado o del siglo XXI, que no tenga ese objetivo central. Estas organizaciones saben de la existencia del racismo y quieren combatirlo y superarlo. Y quieren construir una sociedad democrática y antirracista. Ese es el punto en común. Las formas en las que cada una actuará son de las más diversas, de acuerdo con la especificidad de la organización/expresión del movimiento negro.

Otro punto que entiendo como punto en común de esas luchas es que todas están de acuerdo en relación a la historia del *Quilombo dos Palmares* y la fuerte presencia de Zumbi en la construcción de la lucha por la liberación de nuestra sociedad. El reconocimiento de la historia de Palmares como un

símbolo de resistencia, así como la de otros *quilombos* que existieron en Brasil y que existen hoy, porque los *quilombos* están vivos y activos, ¿no? El día 20 de noviembre, Día Nacional de Zumbi y de la Conciencia Negra, hoy es un feriado nacional y es fruto de una lucha histórica del movimiento negro. Una lucha que ha reeducado a Brasil. Me imagino a Oliveira Silveira, a todos aquellos activistas negros del Grupo Palmares en Porto Alegre, en el año 1971, que comenzaron a discutir la importancia del día 20 de noviembre en contraposición al 13 de mayo… Si ellos pudieran ver que actualmente su lucha se transformó en un debate político, educacional y cultural, ¡sería maravilloso! Entonces creo que este es otro punto en común. Y otro punto que veo que es común a todas las organizaciones del movimiento negro brasileño es la implementación de acciones afirmativas como políticas de igualdad racial, de reparación y de construcción de un nuevo espacio de derecho para las personas negras en la sociedad brasileña, en las más diversas áreas. Estoy pensando en las acciones afirmativas como un gran principio y como políticas. Ahora, con respecto a la modalidad a ser implementada, si es reserva de cupos, si es un bono, si es una ley, un decreto, si es un plan, allí tenemos una variedad de opiniones y adhesiones que varían de acuerdo con las diferentes expresiones del movimiento negro. Analicemos: si hoy existe la discusión sobre el racismo religioso en Brasil es porque, dentro del movimiento negro educador, los grupos que luchan por el reconocimiento, por el derecho a su fe religiosa, o sea las comunidades religiosas afrobrasileñas, lograron instalar en nuestra gramática política el concepto de racismo religioso que ni siquiera existía antes. El movimiento de los pueblos y comunidades tradicionales de matriz africana nos reeducó y nos reeduca en relación a esta situación perversa. Más que intolerancia, esa es una expresión del racismo contra las religiones de matriz africana y las personas que las profesan. Y ese racismo va a incidir de forma diferente si las personas son blancas o son negras. Hoy tenemos la discusión

sobre las mujeres negras, y sobre cómo nosotras, mujeres negras, ocupamos lugares subalternizados en las jerarquías sociales, en las jerarquías de género. Estamos en la base de la opresión, de la violencia de todo tipo. Entonces, si hoy tenemos una discusión sobre el feminicidio negro, esa discusión vino del movimiento de mujeres negras y de las jóvenes mujeres negras organizadas en movimiento. ¿Por qué? Porque todos los datos estadísticos apuntan al hecho de que nosotras, mujeres negras, somos las principales víctimas de feminicidio. Es un feminicidio negro. Existe un feminicidio negro y es necesario que exista una especificidad en la política, en la intervención, en la denuncia, en los cuidados de la salud, en los cuidados psicológicos de la salud mental, en relación a las mujeres negras. Glenda trabaja con la cuestión de la violencia obstétrica. Y eso incide sobre nosotras, mujeres negras, de una manera extremadamente perversa, y no fuimos nosotras, las investigadoras, las primeras en hablar sobre eso. Quienes hablaron sobre eso fueron las mujeres negras, desde la década de setenta/ochenta. Esa idea se fue formulando dentro de la discusión de los derechos reproductivos y las mujeres negras entraron con la dimensión racial mostrando que, al discutir derechos reproductivos en nuestro país, es necesario profundizar en la raza, el género, la clase y la orientación sexual. Además de eso, organizaciones del movimiento negro orientadas al derecho de las personas negras y LGBTQUIA+ instauraron ese debate en la pauta del movimiento negro y vienen presionando para que se comprenda que el racismo y el machismo inciden aún más sobre las personas negras y trans.

BFF: Glenda, me gustaría agregar una pregunta porque, Nilma, tú estás hablando sobre los contextos de violencia, sobre contextos violentos. Hablaste sobre intolerancia y sobre redes sociales. Y yo pensé, en relación a la pregunta de Glenda, en los contextos contemporáneos, ¿cómo ves en las redes sociales, en la web, el aumento de la violencia simbólica? Hay mucha violencia y

palabras brutas, palabras ofensivas que decretan la muerte social de los sujetos y sujetas involucradas. Entonces, me gustaría unir dos preguntas. ¿Cómo lidia el Movimiento Negro Educador con la circulación del odio? Este afecto que yo creo que es el dominante en las redes sociales. Y ahí, relacionándolo con la cuestión del lenguaje, ¿qué papel crees que tiene el lenguaje en el Movimiento Negro Educador como estrategia de lucha, de resistencia? Se me ocurrió mientras estabas hablando.

NLG: Creo que en el caso de las redes sociales, hoy en día existe una profusión de formas de relatos, de intervenciones, de transmisiones en vivo, de TikTok, todas esas cosas de las redes, que son antirracistas, que son realizadas, desarrolladas o por activistas del movimiento negro, o por organizaciones, mostrando sus acciones, siempre registrando sus acciones en las redes sociales. Pienso que en las redes sociales los discursos de odio vienen siendo hegemónicos, por lo menos en nuestro país. No me parece que los discursos que trabajan con el amor, la paz, la comprensión, la unión entre las personas, el antirracismo, sean los que más circulan. Creo que los discursos, los mensajes de odio en las redes sociales circulan más porque hay capital invertido. Son parte de proyectos de poder en nuestra sociedad. Y uno de los proyectos de poder es usar el propio lenguaje. La propia forma en la que esos mensajes llegan, cómo se comunican con las personas, todo eso es parte de un proyecto de poder y de dominación. Podemos pensar en Instagram, en X, y hoy es común que veamos a un religioso o una religiosa fundamentalista, un diputado o diputada u otro tipo de líder destilando odio. Y tenemos el WhatsApp, que viene siendo usado para hacer circular una serie de mentiras. En todos tenemos inversión financiera de grupos poderosos, alimentando *bots* etc. Entonces eso hace que el lenguaje del odio circule más. Es una forma de comunicarse con los interlocutores, de llevar mensajes de forma más rápida, ágil y su contenido se expande mucho más. Mientras que el espacio del

movimiento negro y de otros movimientos sociales es el de la lucha y la resistencia. En él, el capital no invierte. El capital no invierte en ese tipo de espacio porque hacer eso es ir al contrario de la propia relación de poder que él mismo establece. Es difícil luchar contra las narrativas de odio, ¿se entiende? Porque, mira, sabemos que una de las formas de producir narrativa por parte del grupo opresor ha sido desvirtuar la situación de lo que realmente pasa. Son mentiras que se repiten, se repiten, se repiten hasta que las personas creen que es una verdad. En el campo de la resistencia, en el campo progresista, nosotros no vamos a actuar de esa misma forma. No vamos a actuar así. Es un contrasentido, una incoherencia. Entonces, el campo de la resistencia necesita, sin dudas, hacer una lectura crítica de la realidad, aunque eso cause incomodidad y dolor. Pero, no podemos inventar mentiras y decir que si tú crees en esto o en aquello va a mejorar todo en tu vida y va a estar todo bien. Necesitamos analizar y explicitar que ciertas situaciones vividas son fruto de la opresión y que si tú no luchas, no te juntas con otras personas que también luchan, no se van a terminar. Este discurso de la resistencia no es atractivo para determinadas personas y subjetividades.

BFF: Circula menos, ¿no? Piensa en la investigación de Glenda, que habla sobre cómo el odio circula mucho más.

GCVM: Sí.

NLG: Y así podemos preguntarnos porqué el odio circula mucho más, ¿no? Porque nuestra estructura es una estructura de violencia. Nuestra estructura es de violencia y de dominación. El lenguaje que circula más rápido y que atrae es el lenguaje del poder. Atrae y está presente desde los tiempos coloniales hasta ahora. Entonces yo creo que es por eso que ese lado de la cultura y del discurso del odio circulan más. Porque tiene que ver con nuestras estructuras, con la formación de nuestro imaginario social, con las relaciones de poder y opresión. Y cuando miramos la historia de Brasil, la dictadura, las

violencias etc., notamos que tuvimos mucho más tiempo histórico, político, cultural y educacional de consolidación de las relaciones opresivas y violentas de poder que de democracia. Tuvimos menos del tiempo en el que las personas pueden aprender libremente a ser quienes son y vivir con dignidad.

BFF: Son algunos años, ¿no?

NLG: Exacto, porque a veces pensamos que los tiempos democráticos que vivimos son una buena parte de la historia de Brasil. No, Brasil es un país que se construyó con interrupciones muy largas de procesos un poco más democráticos, digámoslo así. Y con más tiempo de consolidación de poderes autoritarios. Eso significa poder económico, poder cultural, ¿cierto? Poder intelectual etc.

Intenta sacar a esos grupos que están históricamente en el poder de ese lugar. Habla con ellos, diles que tenemos que tratar a las personas de forma ecuánime. Decir y hacer eso significa redistribuir poder. Redistribuir poder, redistribuir riqueza. Entonces, el lenguaje, para mí, opera en ese sentido, en la construcción de una serie de discursos, de una serie de formas de hablar sobre el otro, de hablar sobre sí, y esas formas, muchas veces, vienen impregnadas de estereotipos, de estigmas, de mentiras, de exaltación de un determinado estándar de belleza, de cultura, de un estándar de inteligencia. Y esos estándares son construcciones. No son reales. Son construcciones. El modelo blanco, masculino, rico que persiste en Brasil es aquel que sueña con la imagen de una Europa imaginaria, perfecta, totalmente dominadora que, en realidad, nunca existió. Es un ideal autoritario, racista, machista y clasista. Cuando analizamos esta situación, estamos creando otra narrativa, una forma de resistencia y de contraposición a este ideal, que afirma que Brasil no es blanco. Brasil es diverso desde el punto de vista cultural, racial, étnico, de orientación sexual, de género. Entonces, cuando hacemos este análisis, deconstruimos discursos de odio. Construimos un lenguaje emancipatorio que

tensiona el lenguaje de la opresión, de la violencia. Y construimos otras narrativas. Y creo que son estas otras narrativas las que el Movimiento Negro Educador construyó. La narrativa de la riqueza del continente africano, por ejemplo, la construyó el movimiento negro y, así, nos reeducó. El Movimiento Negro Educador es el que educó y reeducó a nuestra sociedad con respecto a la deseducación en la que vivíamos y que todavía vivimos en relación al continente africano y sus riquezas. África comprendida no solo como espacio de colonización del otro. Incluso, nos educa en la reflexión sobre los conflictos que África vive en el contexto actual, las luchas por la descolonización contemporánea del neoliberalismo y también las corrupciones de varios gobiernos de los más diversos países africanos. Entender al continente africano como un continente complejo, como tantos otros, y no solo como el lugar de la pobreza. Es un espacio real, geopolíticamente localizado en el mundo.

BFF: Glenda, creo que Nilma nos está diciendo que tenemos que traer los lenguajes, la historia y la sociedad al propio lenguaje, ¿no es así?

NLG: Sin dudas, hay que traer todo eso. ¿Y saben lo que pienso? Veo el campo del lenguaje como algo muy potente. Muy potente. Aprendo eso con ustedes. Aprendo con ustedes sobre el campo de la lingüística aplicada y el análisis de la crítica del discurso. Y creo que, en este contexto contemporáneo, ese campo podrá ayudarnos a emanciparnos más, ¿saben? A entender cómo el lenguaje emancipatorio puede circular y, principalmente, a comprender el lenguaje emancipatorio producido por los movimientos sociales. Estoy pensando en el Movimiento Negro Educador. No es necesario inventar algo nuevo, nuevos conceptos o reinventar, sino mirar a la sociedad, mirar su historia, mirar esos movimientos. El lenguaje emancipatorio puede acontecer de diversas formas, por medio de una serie de discursos a la que nosotras, como investigadoras e investigadores, podríamos contribuir, inclusive en el

proceso de lucha por nosotras mismas. Estamos en un momento, desde el año 2025, en el que todos los diarios y en la lectura crítica de los medios, se viene advirtiendo sobre el ataque a nuestra soberanía. A nuestra soberanía nacional. ¿Qué podemos hacer para contribuir en ese sentido? Actuar epistemológicamente sabiendo de la potencia política de una ciencia emancipatoria.

Al analizar la historia de la ciencia, vemos que política y ciencia nunca estuvieron separadas. Entonces creo que cuando las personas nos juzgan porque abordamos fenómenos como el racismo y producimos conocimiento que ayuda a la construcción política de una crítica sobre esa situación en nuestra sociedad, se demuestra que, en realidad, se ignora cómo la ciencia ha sido construida. La ciencia no está separada. De tanto escuchar eso, hoy, encontré el lugar desde el cual responder a esos pensamientos ignorantes: me asumo como una intelectual negra comprometida. Yo hago y produzco ciencia comprometida con la transformación de la sociedad. Soy eso. ¿Quieres conversar conmigo? ¿Quieres sumar? Muy bien. No quieres, chau. No soy una intelectual que se entiende de forma neutral en la sociedad y en la ciencia. Tengo un lado y lo asumo. Asumo que mi lado es producir conocimiento que ayude en la transformación social, en la mejora de las vidas. Eso es lo que quiero hacer con y por el conocimiento. Porque, piénsalo, cuando hay un gran descubrimiento en la ciencia, en el área de la salud, que nos ayuda a intervenir en una serie de enfermedades y males que acometen a nuestra sociedad, ¿no se trata de una transformación? ¿No se trata de una producción científica, una ciencia en el área de la salud que posibilita una intervención social en algo que causaba daño, dolor y sufrimiento a tantas personas? Y nosotras, por ejemplo, somos desconsideradas como investigadoras por algunos grupos hegemónicos de la ciencia. Creo que es eso lo que tenemos que seguir discutiendo y conversando, para comprender mejor y superar determinados

estereotipos. Y ciertos miedos también. Muchas veces las personas tienen miedo de posicionarse porque dicen: “ah, no sé cómo me van a interpretar”. Y no sé, creo que se trata un poco sobre eso también. Nos vamos poniendo viejas y nos vamos sintiendo un poco más libres también, ¿no? Eso tiene que ver con la madurez y la edad.

GCVM: Nilma, me parece muy interesante lo que planteaste sobre el lenguaje. Nos lleva a pensar, por ejemplo, en la propia formación del profesional del área de Letras. Comenzamos a tener la necesidad de que circule otro tipo de conocimiento para que ese profesional logre un raciocinio crítico. Y creo que eso está muy anquilosado en las universidades, en donde todavía encontramos un conocimiento lingüístico que no dialoga con la sociedad, con la historia, que se para desde perspectivas mucho más estructuralistas del lenguaje. Y vemos eso, por ejemplo, en los cursos de ingreso a la universidad. Las personas están preocupadas por las reglas gramaticales y no tienen noción de que nosotros actuamos en el lenguaje, hacemos cosas con el lenguaje, que podemos poner en circulación un conjunto de discursos que hieren, que curan, que pueden emancipar a las personas. Y yo creo que el movimiento negro educador, y también tu obra, tu trabajo, nos lleva a eso, nos convoca, principalmente a nosotras que estamos en el área de la lingüística, de la lingüística aplicada, en el área del discurso, a pensar justamente que esa relación entre lenguaje, discurso, sociedad e historia no se puede desvincular en ningún momento. Y cuando pensamos en la Ley nº. 10.639/03, y en sus actualizaciones, debemos considerar que esa ley también le compete al profesional del área de Letras porque es en el lenguaje donde las cosas cambian. Si no contamos otras narrativas, vamos a enseñar, por ejemplo, el profesional del área de Letras, va a enseñar la estructura del inglés como si no se hiciera nada con la lengua inglesa, pero las personas están actuando en el mundo con el inglés, con el español, con el portugués, con Libras y con muchos otros lenguajes, y

estableciendo disputas de poder entre narrativas que son muy reales en nuestro cotidiano. Tú nos traes esa provocación, que pensemos el área de Letras y el área de la lingüística aplicada, más específicamente, con mucho más diálogo y conexión con la sociedad. Entonces si estamos estudiando la red social X, ¿cómo eso contribuye a mejorar el mundo, como tú dijiste? Vemos cada vez más en las universidades públicas y privadas, porque ya no hablamos de las universidades privadas y allí hay una cantidad inmensa de gente y de perspectivas teóricas que luego llegan a la escuela pública, que van circulando por espacios y naturalizando determinadas formas de ciencia, de conocimiento, de cuerpos que pueden tener acceso o no y que deben hacer esto o aquello. Creo que nos aportas una grandeza. El concepto de Movimiento Negro Educador no es solo un concepto, es una práctica. Y creo que nos vas mostrando eso. Es también una práctica de vida, de mirar al mundo con esos saberes emancipatorios, con ese movimiento que organiza esos saberes. Entonces creo que tu aporte me hace sentir provocada y convocada a contribuir a un campo que es el del lenguaje, pero articulado a la vida, y hacemos vida en el discurso, ¿no?

NLG: Sin dudas, sin dudas. Inicialmente yo no pensaba en el Movimiento Negro Educador como un concepto. Eso se fue consolidando a partir de lecturas e interpretaciones realizadas a partir de mi obra. Yo lo traje inicialmente como una reflexión, pero, de repente, las personas empezaron a decirme: “Nilma, eso es un concepto”. Y así me vi cada vez más desafiada a explicitarlo, a hablar un poco más sobre ese concepto, que es sobre lo que escribí en el último artículo que salió en la revista Linguagem em Foco. Fue el primer momento en el que me sentí interpelada a escribir sobre el concepto, al ver que ya están trabajando con él. Hoy en día existen tesis de maestría, de doctorado en las que las personas trabajan con el concepto de Movimiento Negro Educador y a partir de él derivan otros, ¿sabes? Eso me parece muy

valioso, porque es un concepto potente; entonces, eso es muy bueno. Llegué al concepto de Movimiento Negro Educador caminando teóricamente. Antes trabajaba con la idea del movimiento negro y la construcción de un proyecto educativo emancipatorio. Comencé elaborando teóricamente la discusión de que el movimiento negro ha construido y construye un proyecto educativo emancipatorio para Brasil. Enseguida, empecé a reflexionar sobre el movimiento negro y la articulación entre saberes y prácticas sociales. Esta reflexión estaba en mis proyectos de investigación y la desarrollaba con mis estudiantes, fue uno de los puntos de mi proyecto de investigación como becaria de productividad del CNPq. También formó parte de mi proyecto de postdoctorado en Sociología, en el Centro de Estudios Sociales de la Universidad de Coimbra, bajo la supervisión del profesor Boaventura de Sousa Santos. Mi libro O Movimento Negro Educador es el resultado de ese postdoctorado, lo digo en la presentación del libro. Cuando lo iba a publicar, conversando con un amigo sobre qué nombre podría darle al libro, llegamos a esta conclusión: ya no era una publicación sobre el movimiento nergo. En realidad, mi narrativa traía una reflexión educativa sobre la acción de ese movimiento como un educador potente a lo largo de los siglos en la sociedad brasileña. Entonces, más que un título, actualmente, concluyo que construí un concepto. Reflexioné mucho sobre mi relación con el movimiento negro. Fui educada y reeducada por él. Me di cuenta de que mucho de lo que sé sobre la complejidad del racismo, sobre la educación y las relaciones étnico-raciales, tiene que ver con mi formación en ese movimiento social, en sus muchas formas de expresarse, con lo que las activistas y los activistas negros han producido, han escrito, también en las disputas políticas, en la lectura de diarios, libros y revistas producidos por este movimiento social. Fui reeducada por el movimiento negro yendo a las marchas, escuchando conferencias, yendo a seminarios, conversando con compañeros activistas, participando en grupos

del Movimiento Negro Unificado en Belo Horizonte, y en la organización y participación de un grupo de estudios de estudiantes negras y negros en la UFMG, el Núcleo Interdisciplinar de Estudos Afro-brasileiros (GIEAB). Y eso no me pasó solamente a mí. Muchas otras personas negras que conozco dicen lo mismo. Ese proceso también reeduca a personas blancas. Hay un proceso de producción y organización de saberes que vivenciamos y que es protagonizado por las diversas organizaciones del movimiento negro brasileño. Estas aprendieron con las organizaciones del pasado, que dejaron un legado. Algunas ya no existen, pero su legado existe. Y eso se da por medio de la oralidad, de la producción escrita, de las artes, de la cultura, de la producción intelectual. Esos legados circulan de diferentes formas. Creo que el gran desafío, hoy, es hacer circular todo eso más allá de los espacios que ya se nutren de ese legado. Porque si es un proceso educativo y reeducativo, no puede quedarse siempre dentro de la misma burbuja. Se tiene que expandir. Y hay una resistencia por parte de sectores de la sociedad en admitir que ellos también han sido reeducados por los movimientos sociales y, principalmente, por el movimiento negro. Hay resistencia a que esos saberes penetren, entren, ocupen otros espacios. No es casual que hoy veamos a personas conservadoras luchando por educar a sus hijos dentro de su propia casa, mediante el *homeschooling.* No quieren que sus hijos e hijas sean “influenciados” por los saberes que vienen de las luchas por la emancipación. No es casual que veamos, por ejemplo, escuelas del sector privado, escuelas de élite, que son verdaderos nichos de raza y clase, y que tienen inclusive criterios específicos para seleccionar a profesoras y profesores. Esos nichos existen como una forma de no dejar que circulen otros discursos y saberes emancipatorios de nuestra sociedad. Sin embargo, estos circulan, entran de alguna forma. No con la fuerza que nos gustaría, pero están allí y hacen la diferencia. No es casual que veamos la reacción extremadamente violenta de los sectores de la élite, que son muy

conservadores con respecto a los discursos educacionales críticos y emancipatorios. Cuanto más los grupos que están en el poder ven que sus ideologías conservadoras y racistas son amenazadas por el conocimiento crítico, especialmente aquel que dialoga con las luchas de los movimientos sociales, más violentos se vuelven y usan su capital cultural y económico para impedir ese proceso. Usan a la política, a los grandes medios hegemónicos, la moda, las redes sociales, ¿no es así?

BFF: Bien, así es.

GCVM: Muy bien, creo que como esta entrevista es la que abre el proyecto, estamos aquí todas juntas aprendiendo mucho. Podríamos quedarnos aquí todo el día escuchándote. Pero, ¿qué más nos podrías decir a nosotras y a las personas que están escuchando, a las personas que quieren trabajar por un mundo mejor? ¿Qué les dirías?

NLG: ¡Qué pregunta difícil! ¿Qué les podría decir a esas personas? Creo que voy a decir dos cosas. Una se la escuché a mi mamá cuando la llamé llorando para hablar sobre el golpe que había acabado de suceder contra el gobierno de la presidenta Dilma, del cual fui una de sus ministras. Ella me dijo: “mira, sécate las lágrimas, hija mía, porque resistencia y lucha son sinónimos de tu nombre”. Voy a tener grabado eso en mi memoria para siempre. Creo que les diría eso a las personas, ¿sabes? Quien quiera luchar y transformar la sociedad, tiene que entender que eso nunca va a pasar sin resistencia y lucha. Nunca. Me gustaría, incluso, que no se necesitara tanta lucha, pero se la necesita. Tenemos que entender que resistencia y lucha deben ser sinónimos de nuestros nombres. Y las personas tienen que aprender formas de resistir, formas de luchar, pero también tienen que entender que en algunos momentos es urgente que estemos juntas, juntos y juntes, ¿no? Todo el mundo junto para lograr alguna transformación. Desde la movilización social y marchas en las calles hasta saber votar con conciencia política. Tenemos que ser estratégicas

y estratégicos. Brasil es una república representativa; por lo tanto, todavía no tenemos otra forma de cambiar las cosas en el plano de la política institucional a no ser eligiendo con nuestro voto a las personas que mejor representen los ideales de la democracia, la justicia y del antirracismo. ¿Cuántas veces escuchamos: “ah, no voy a votar a nadie”? Ese tipo de discurso es el resultado de la ignorancia política de nuestro país, y estamos sufriendo con ese pensamiento político equivocado hasta hoy, es difícil deconstruirlo. Y lo otro que quiero dejarles a las personas es algo que no podemos perder. Me acuerdo que en la década de los ochenta, cuando estudiábamos sobre la lucha de la clase trabajadora contra el capital, no podíamos hablar de afecto porque parecía que si hablábamos de afecto íbamos a amolecer la lucha. Pero el afecto estaba allí, siempre existió, solo que no podíamos mencionarlo ni expresarlo demasiado. Hoy, somos llamadas a vencer al odio con el afecto, con el amor. Se trata del amor como un acto político, como nos lo advierte bell hooks. No es el amor ingenuo, es el amor como un acto político. Creo que ese es un gran desafío. Ya que estamos hablando sobre lingüística aplicada, pensemos: ¿cuál es el lenguaje en el que vamos a poder comunicarnos considerando al amor como un acto político? ¿Qué discursos vamos a producir para ir en la contramano de esa sensación que nos dice que, hacia donde vayamos, el odio está prevaleciendo? Como buena pisciana, siento mucho todo eso, me afecta mucho también. Entonces creo que necesitamos construir formas de hacer que el afecto circule. El afecto que entiende al amor como un acto político, no como algo que nos fragiliza, sino como algo que nos fortalece cuando la ola de odio llega. Creo que les diría eso.

GCVM: Gracias, Nilma. Branca, ¿quieres hacer algún comentario para terminar?

BFF: No, solo quiero decir que tus palabras producen esperanza, ¿sabes, Nilma? No la esperanza ingenua, sino la esperanza y la voluntad de trabajar, de transformar y de no desistir.

NLG: Se trata sobre eso. Gracias a ustedes.

BFF: Gracias.

NLG: Las preguntas me tocaron también, me hicieron pensar mucho. Me gustaría decir lo último. Escribí esto en nuestro grupo de WhatsApp, pero quería agradecerle principalmente a Glenda que estuvo en toda la construcción de este proyecto. Porque nunca imaginé que la reflexión que vengo haciendo sobre el Movimiento Negro Educador pudiera resultar en acciones tan fuertes y tan contundentes como las de este proyecto de investigación. Ver a las personas pensando en torno al concepto me engrandece mucho. Me siento muy feliz. Esto me honra mucho como mujer negra e investigadora, me permite pensar: "Qué bueno que estoy dejando algo registrado, un pensamiento que está ayudando a las personas a comprender mejor este mundo y a reflexionar más sobre la emancipación". Me honra, ¿sabes? Me engrandece en el sentido de sentirme honrada. No podía dejar de registrar esto en el primer momento de una serie de entrevistas que haremos en torno al proyecto O Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina.

CONCLUSIÓN

A lo largo de la entrevista son explicitados los aspectos constitutivos del concepto Movimiento Negro Educador. El movimiento es plural, compuesto por colectivos culturales, religiosos, artísticos, de mujeres, juventudes, *quilombolas* e intelectuales organizados en torno al combate al racismo y a la construcción de una sociedad antirracista. Tal transformación exige resistencia,

lucha colectiva, conciencia política y la construcción de un lenguaje guiado por el amor como acto político. Fortalecer el Movimiento Negro Educador significa expandir sus saberes emancipatorios con prácticas de afecto, justicia y compromiso ético.

REFERENCIAS

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro Educador, saberes emancipatórios e a construção de um projeto democrático. *Linguagem em Foco*, Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, v. 16, n. 4, p. 1-15, mar. 2025. ISSN 2176-7955 (impresso); 2674-8266 (online).

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*, 2018.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador*: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. ISBN 978-8532655793.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e produção de saberes. *Política & Sociedade*, v. 10, n. 18, p. 133-154, 2011.

Recibido en: 18/08/2025

Aprobado en: 24/09/2026